

Política neoliberal tem de acabar

JAIR MENEGUELLI

O repórter do *Estado* estava atento e não deixou de registrar. Assim que foi proferido na Câmara dos Deputados o voto que assegurou a suspensão do mandado de Fernando Collor, começaram a se multiplicar, entre a multidão que se concentrava diante do Congresso, as faixas com reivindicações ao vice-presidente. Não-pagamento da dívida externa e fim da política salarial de arrocho, pediam as primeiras.

Não faria mal a Itamar Franco atentar para essas mensagens. O que fez o povo sair às ruas, e lá permanecer até pôr abaixo um presidente da República, não foi apenas o repúdio ao punhado de ladrões que havia tomado de assalto o Planalto. Foi igualmente a intuição de que por trás do empobrecimento visível dos assalariados, das humilhações impostas seguidamente aos idosos e do autêntico aniquilamento dos serviços públicos de saúde e educação — para falar apenas de algumas de nossas chagas sociais — estava o programa neoliberal de Collor.

Em nome da **austeridade**, a política neoliberal rebaixou os vencimentos médios dos trabalhadores a menos da metade do valor real de 1985. Em nome dessa mesma **austeridade**, o ministro Marcílio elevou os juros da dívida interna a 36% ao ano, o que fará o Estado transferir aos grandes grupos econômicos credores cerca de US\$ 12 bilhões apenas em 1992.

Se hoje o presidente Itamar Franco quer estar em sintonia com os anseios dos que o levaram, afinal de contas, ao poder, não resta outra alternativa senão pôr fim, já, ao



programa neoliberal. O chefe do governo poderia iniciar a empreitada propondo a reposição das perdas salariais impostas aos trabalhadores — ao menos as do governo Collor — e endossando a política formulada pelas centrais sindicais para levar o salário mínimo a US\$ 400, até 1995. Trata-se de algo incomparavelmente mais **moderno** que abrir a importação de carões para consumo dos ricaços.

Seria necessário também suspender de imediato a política de privatizações. Ao longo da gestão Collor ela provocou a entrega a particulares de um patrimônio constituído a duras penas pelos trabalhadores, e poderá até mesmo inabilitar empresas de importância estratégica para o País, como a Petrobrás.

Itamar Franco estaria sendo fiel ao sentimento das ruas, por fim, se promovesse a recuperação da capacidade de investimento do Estado. Para fazê-lo, não é preciso, a despeito do que dizem os conservadores, submeter os assalariados, ou a classe média, a um arrocho fiscal, sem cortar direitos sociais e previdenciários. Basta estancar a principal sangria de recursos do Tesouro, representada pelo pagamento dos juros extorsivos das dívidas externa e interna.

As decisões tomadas nos dois primeiros dias de governo são as mais decepcionantes. Se é verdade que pretende manter os compromissos externos firmados por Collor, como anunciou o ministro Krause, se quer apenas **aperfeiçoar** a política econômica insana de Marcílio, como disse seu colega Haddad, e se vai cortar gastos dos ministérios, mas manter a política de juros estratosféricos, o atual presidente não pode esperar mais que um desgaste rápido, seguro e de desfecho imprevisível.

■ **Jair Meneguelli** é presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT)

04 OUT 1992 ESTADO DE SÃO PAULO